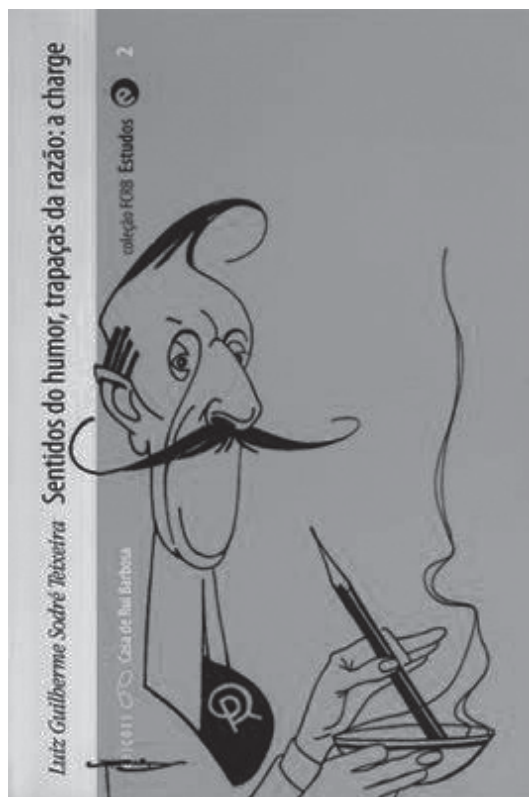


resenhas

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Rozinaldo Antonio Miani

Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo e História. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da UEL e do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (CNPq). E-mail: mianirozinaldo@gmail.com.



Recebido em: 19/04/2010

Aprovado em: 27/05/2010

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Charge: sua razão de ser é significar e interpretar criticamente o real

Raramente se concebe a produção de saberes científicos fora do circuito acadêmico, quanto mais outorgar legitimidade e reconhecimento aos 'aventureiros do conhecimento' por uma contribuição que não tenha como origem os pressupostos da dinâmica institucional universitária. Nesse sentido, e pela sua relevância, a obra *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*, de Luiz Guilherme Sodré Teixeira, já merece todo o nosso respeito e consideração.

A referida obra compõe uma coletânea de estudos (Série Estudos) produzida pela Fundação Casa de Rui Barbosa e oferece uma importante contribuição para os pesquisadores da imagem e da iconografia, em geral, e para os estudiosos da charge, em particular. O autor já havia desenvolvido estudos nessa temática quando da produção da obra *O texto como traço: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*, editada em 2001, também pela Fundação Casa de Rui Barbosa, desta feita como parte da *Coleção Papéis Avulsos* e, à época, já despontava como um dos pesquisadores de referência no estudo da charge.

A despeito da importante contribuição que a obra em questão oferece, principalmente no que se refere à lúcida e pertinente propositura em definir um lugar próprio de significação para cada 'gênero gráfico que se apropria da realidade para expressá-la através do traço de

humor' (que preferimos chamar de linguagens iconográficas), quais sejam, charge, caricatura e cartum, o trabalho de Luiz Guilherme é marcado por alguns delírios, ambiguidades e equívocos, que se intensificam em decorrência de um 'preconceito às avessas' demonstrado em relação à academia.

O autor manifesta, ao longo de toda a obra, a sua aversão aos esquemas da produção universitária que, reconheçamos, tem seus fundamentos; no entanto, a própria lógica utilizada pelo autor não rompe com esse mesmo 'esquema' denunciado e que, aliás, é explicitamente assumido por ele. Em certos momentos de seu texto, Luiz Guilherme chega a agir com insensatez na sua crítica à racionalidade acadêmica; além disso, em defesa do mérito de seu trabalho 'não-acadêmico' chega, contraditoriamente, a 'desqualificar' seu próprio esforço afirmando tratar-se de um trabalho marcado pelo 'descompromisso' e pela ausência de 'rigor metodológico', que mais comprometem do que avalizam sua contribuição ao debate.

Outro equívoco cometido pelo autor diz respeito ao anacronismo em relação à questão do preconceito da academia em relação à imagem e ao humor. O 'ranço academicista' contra a imagem já é tido como relativamente superado entre os próprios pesquisadores da área, nos mais diversos campos do saber; no campo da História, por exemplo, a iconografia já tem seu espaço demarcado e consolidado. A crítica apresentada de que a imagem estaria restrita

ao 'gueto acadêmico da história da arte' já fora apresentada pelo historiador Marcos Antonio da Silva, há quase 20 anos e, desde então, muito já se fez no sentido de superar tal 'preconceito'. Talvez o próprio autor devesse corroborar com esse movimento de superação do preconceito contra as fontes visuais, ao invés de disseminar ideias como as que ficaram expressas em afirmações do tipo: a charge, a rigor, 'funciona' precariamente como documento e como fonte primária no campo da história.

Sustentado em sua crítica voraz ao academicismo, principalmente quando sugere uma suposta 'apropriação ineficaz da imagem pela academia' ou ainda quando afirma existir, em relação à imagem, uma 'escassa credibilidade no campo do conhecimento formal', o autor ofusca a própria realidade atual do que se vem praticando no interior das universidades no sentido de reconhecer o valor e o potencial da imagem enquanto objeto de conhecimento. Mais efetiva é a contribuição do autor quando este se manifesta para defender a necessidade de uma 'ciência social da imagem' ou, mais do que isso, uma 'filosofia da imagem' que, certamente, é compatível com o anseio de todos os pesquisadores da área, acadêmicos ou não.

Nesse mesmo contexto, outro aspecto é merecedor de comentários, qual seja, o tratamento dado pelo autor à 'autonomia discursiva' da charge. Concordamos com o autor que a imagem goza de uma 'estrutura narrativa autônoma', mas, sem pretender expropriar a identidade singular da imagem, não se pode negligenciar que sua inteligibilidade passa necessariamente pela linguagem verbal, como bem nos ensina o pensador russo Mikhail Bakhtin em sua obra seminal 'Marxismo e filosofia da linguagem'.

Há que se observar, ainda, que a bela recuperação histórica do humor como referência social e comunicação cultural integrada ao cotidiano como produto de verdade conflita com a desnecessária deselegância da utilização de fragmentos textuais de uma outra obra de Mikhail Bakhtin (A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais), em sua versão francesa, quando já temos uma tradução em língua portuguesa da referida obra desde 1987, editada pela Editora Hucitec em conjunto com a Editora da Universidade de Brasília (UnB). Trata-se de um 'não-academicismo' bastante arrogante, diga-se de passagem.

Com respeito às suas particulares reflexões sobre a natureza da charge, compactuamos com o autor quando o mesmo afirma que a proposta da charge não é 'registrar o real, mas significá-lo' e também quando defende a charge como um 'instrumento de intervenção política'. Acreditamos ser acertada, ainda, sua afirmação de que a charge funciona 'como 'porta-voz' da sociedade, interpretando a notícia, expressando um ponto de vista, transformando o fato numa consciência sobre ele'. Porém, sua prolixidade quanto a qualificar demasiadamente a charge, acaba por proporcionar uma perda da efetividade analítica apresentada. Além disso, a qualificação da charge como 'travessura', 'loucura' 'objeto banal', bem como 'produto típico de classe média', ou ainda quando associa o chargista a um dramaturgo, conferem um caráter duvidoso e até certo ponto caótico e despolitizado para a charge, minando a 'agressividade' reivindicada como um de seus fundamentos estruturais.

Ainda sobre as características da charge, acreditamos que o autor foi consumido por um 'delírio' quando se ocupou de analisar a temporalidade da charge. Se considerada

como um produto comunicativo, a charge é apenas efêmera; como fonte histórica, deve ser reconhecida e analisada em sua temporalidade histórica. Afirmar que o tempo da charge é 'alucinado, insano, *aion* delirante', ou ainda, mais radicalmente, 'sem cronologia' é puro delírio e, tal postura, acaba por revelar certo deslumbramento 'pós-modernizante' por parte do autor.

Como uma última questão, talvez a mais importante de todas as reflexões apresentadas por Luiz Guilherme, destacamos a seguinte afirmação: a charge estrutura seu discurso sobre o real como uma narrativa. Em todas as oportunidades (acadêmicas ou não) de exposição de nossa compreensão acerca da charge, não houve uma sequer em que não tenhamos explicitado a convicção de que a natureza da charge é essencialmente dissertativa. No âmbito das linguagens iconográficas, a modalidade que assume a natureza narrativa é a história em quadrinhos.

Asseverar a natureza da charge como narrativa é expropriar o seu potencial persuasivo e amenizar o seu poder de atuar política e ideologicamente enquanto estratégia comunicativa. Reconhecer a sua natureza dissertativa é, ao contrário, reafirmar a sua 'agressividade', combatividade e seu potencial contestador, conferindo uma racionalidade, uma criticidade e uma produtividade social que, aliás, historicamente, se manifestou, sobretudo, nos momentos e

episódios em que a charge se tornou alvo da censura mais austera de governos autoritários e dos empresários das corporações do ramo da comunicação.

Para além das considerações aqui apresentadas acerca das teses e proposições defendidas pelo autor, a obra *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge* de Luiz Guilherme Sodré Teixeira, deve ser incorporada à lista de leituras obrigatórias para todos aqueles que pretendem enveredar suas pesquisas pelo fascinante e contagiante universo das charges. Críticas e contraposições à parte, adquiram o livro e tenham uma boa leitura.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora UnB, 1987.

MIANI, Rozinaldo Antonio. *As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista*. 2005. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, SP, 2005.

SILVA, Marcos Antonio da. A construção do saber histórico – historiadores e imagens. *Revista de História*, São Paulo, n. 125, p. 117-134, ago.1991/jul.1992.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.